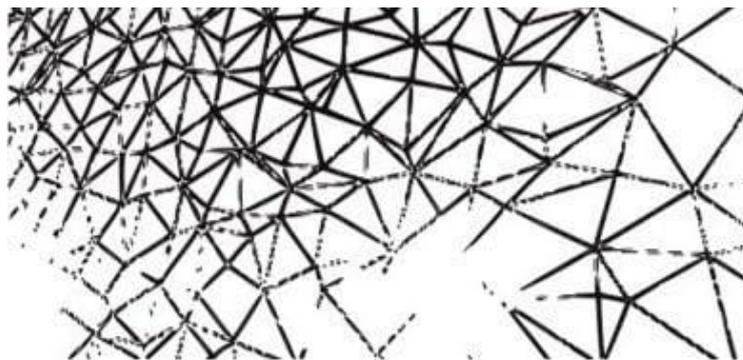




Há como deter a invasão do ChatGPT?

Antonio Anderson da Silva – Universidade de Sorocaba | Sorocaba | SP | Brasil. E-mail: ad.antoni123@hotmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-4477-5638>



Há como deter a invasão do ChatGPT?

Lucia Santaella

Coleção
Interroações
coordenadora
Lucia Santaella

Estação
das Letras
e Cores

SANTAELLA, Lúcia. **Há como deter a invasão do ChatGPT?** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2023.



<https://doi.org/10.22484/2318-5694.2023v11id5319>



Em “Há como deter a invasão do ChatGPT?”, Lúcia Santaella procura investigar os múltiplos efeitos que a Inteligência artificial generativa (IAG) produz nas sociedades humanas, a partir de uma de suas formas mais emblemáticas na contemporaneidade: o ChatGPT.

A resposta mais rápida à pergunta do título é “sim”, tendo em vista questões éticas, políticas e humanísticas que mobilizam grandes Estados na direção de regulamentação e freios às IAs; no entanto, é uma realidade mais complexa e repleta de ambivalências quanto à essa tecnologia que predomina; tal fato move Santaella a uma revisão das principais questões que permeiam essa tecnologia – arte, ciência, educação, inteligência – ao longo de seis capítulos semi-independentes.

A posição de Santaella nesse cenário é estratégica: traz de sua formação em semiótica filosófica e cognitiva embricada relação com as ciências cognitivas, que, por sua vez, pensam o lugar das IAs na sociedade há, pelo menos, 70 anos.

O livro, de 124 páginas, é introduzido com explicações mais fundamentais acerca do funcionamento do modelo de linguagem que caracteriza o ChatGPT, o que lhe conferirá incontáveis atributos, algo que fará a autora chama-lo de “o tarefeiro multiperformance”, e, na medida em que a progressão textual se organiza, Santaella apresenta as ambiguidades presentes em seu cerne: ao mesmo tempo em que seu processo de imitar redes neurais humanas possibilita a criação de solução de problemas outrora não pensados, abre margem, também, para o aumento da imprevisibilidade do comportamento do sistema; com isso tem-se, a exemplo, a emersão de preconceitos e questões de cunho ético.

É desse modo é que a autora enfatizará que o ChatGPT, enquanto inteligência artificial, apenas fará sentido no universo da interação; uma vez que, para seu próprio funcionamento, é livre de metaentendimento; depende, portanto, do uso humano dado, inclusive para cercear seus usos: “não apenas os desenvolvedores, mas também os usuários devem injetar ética em um sistema que fala como gente, sem ter ideia do que fala” (p. 38).

No campo da criatividade, a supracitada ambivalência é enfatizada por Santaella: ao mesmo tempo em que profissionais da criação assustam-se com as possibilidades que aceleram o fluxo de seu trabalho, outros tantos travam brigas jurídicas quanto aos direitos autorais e questões autonomia – algo já visto desde a década de 60, agora, porém, intensificado. Para a autora, no entanto, mais do que cópias, as imagens geradas por IAG assemelham-se mais, devido sua própria natureza, a traduções intersemióticas do verbo para a imagem, que representaria, em potência, uma jamais vista parceria entre humanos e IAs, se distante estiver de abordagens antropocêntricas preconceituosas.



No que diz respeito ao campo da ciência, a autora enfatiza que a faceta humana das respostas do modelo de linguagem prega peças ao rigor científico quando não deixa ver que, frequentemente, ignora as zonas cinzentas existentes nas áreas do conhecimento humano: o Chat oferta uma resposta que, se é objetiva e fluida, também é superficial e desprovida de fontes, faltando, portanto, o toque de criticidade humana, algo que irá desqualificá-lo do lugar de “autor”, mas que não o invalida enquanto ferramenta aliada em algum grau.

Do mesmo modo que para os outros campos, para a educação, apesar dos sismos mais intensos, o Chat emerge não como destruidor, mas transformador. A decretada morte do pensamento crítico, vinda do susto inicial, também convive com o espaço que vem sendo cedido a práticas pedagógicas integrativas da inteligência, que, segundo Santaella, intensificam os dilemas educacionais. A tecnologia, se pode realocar a atenção do ensino para o que, de fato, é humano na educação, possui suas limitações internas também, o que, na verdade, apenas reforça o papel do professor nesse cenário, bem como da própria educação para a formação de um ser humano.

O exercício, portanto, da “arte da suspeita” e da “arte do cuidado” é a aposta de Santaella (p. 21) diante dessa realidade, pois a atitude abrupta de negar a inteligência das IAs e recusar tal tecnologia não parece prudente em si mesma, muito porque as IAs também respondem ao uso humano dado a elas: “de um lado, serviu, por exemplo, para melhorar a dublagem de filmes e produzir conteúdo educacional. De outro, deu origem a Deep Fakes, isto é, imagens ou vídeos falsificados digitalmente”.

Assim, “o chat estende nossa capacidade de pensar e falar, uma extensão, entretanto, que é despida de autoentendimento e de ética, justamente esses dois constituintes mais complexos da constituição humana”, sendo esse o lugar de complementaridade da inteligência humana diante da inteligência artificial (p. 44).

Portanto, enquanto parte da coleção Interrogações, da Editora Estação das Letras e Cores, mais do que responder a questões, “Há como deter a invasão do ChatGPT?” propõe provocações de algo ainda “em pleno voo”. Muitos desdobramentos são esperados enquanto, ainda, está em formação um panorama geral a respeito das IAs, e, nesse sentido, o livro de Santaella compõe documento ímpar em Língua Portuguesa.